

AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA DE TRABALHADORAS DO SEXO

LEONARA VITÓRIA BRITO OLIVEIRA¹, JOSÉ ANDRADE COSTA FILHO²,
VIVIANE ALVES DOS SANTOS BEZERRA³, EDWIRDE LUIZ SILVA CAMÊLO⁴

¹ Estudante de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande-PB, e-mail: leonaranz@outlook.com.

² Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: joacofi@uol.com.br

³ Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: vivianebezerrapsi@gmail.com

⁴ Professor do Departamento de Estatística e Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: edwirde@servidor.uepb.com.br

RESUMO

Essa pesquisa objetivou analisar o construto da autoestima em um grupo de trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB. É um estudo qualitativo, descritivo e transversal, do qual utilizou-se de uma amostra do tipo intencional e de conveniência. Aplicou-se um questionário sociodemográfico e a Escala de Autoestima de Rosenberg. Os dados foram transcritos e analisados através do *software* R versão 3.5.2. Participaram da pesquisa 27 trabalhadoras do sexo, com idades variando entre 18 e 58 anos ($M_{idade} = 31,9$; $DP = 12,1$), em sua maioria se identificaram como pardas (59,3%), seguidamente de brancas (18,5%) e pretas (18,5%) e, majoritariamente são solteiras (70,4%) e heterossexuais (81,5%). Em relação ao tempo de trabalho variaram entre 1 semana e 40 anos de ofício ($M_{trabalho} = 9,8$; $DP = 10,1$). Verificou-se que a média dos escores da autoestima das participantes foi de 21,06 ($DP = 4,07$), sendo este um valor considerado baixo. A autoestima das trabalhadoras do sexo é perpassada pelo estigma social diante do exercer da prostituição. Contudo, não se resume apenas a este aspecto, sendo influenciada por questões mais íntimas como a maternidade, o contexto familiar, a idade, dentre outras variáveis. Sugere-se, a realização de novos estudos que aprofundem cada vez mais a vivência desse público, que analisem, principalmente, a dimensão da autoestima em correlação com os aspectos sociodemográficos dessas mulheres.

Palavras-chave: Autoestima; Prostituição; Trabalhadoras do sexo.

SELF-ESTEEM EVALUATION OF WOMEN SEX WORKERS

ABSTRACT

This research aimed to analyze the construct of self-esteem in a group of sex workers from Campina Grande-PB. It is a qualitative, descriptive and cross-sectional study, which used an intentional and convenience sample. A sociodemographic questionnaire and Rosenberg Self-Esteem Scale were applied. Data were transcribed and analyzed using the R version 3.5.2 software. The participants were 27 sex workers, aged between 18 and 58 years ($M_{age} = 31.9$; $SD = 12.1$), most of whom identified themselves as brown (59.3%), followed by white (18.5%) and black (18.5%) and mostly single (70.4%) and heterosexual (81.5%). With regard to working time, they varied between 1 week and 40 years of work ($M_{work} = 9.8$; $SD = 10.1$). It was found that the mean self-esteem scores of the participants was 21.06 ($SD = 4.07$), which is considered a low value. The self-esteem of sex workers is permeated by the social stigma of engaging in prostitution. However, it is not just about this aspect, being influenced by more intimate issues such as motherhood, family context, age, among other variables. It is suggested that new studies be carried out that deepen the experience of this public more and more, that analyze, mainly, the dimension of self-esteem in correlation with the sociodemographic aspects of these women.

Keywords: Self-esteem; Sex Workers; Prostitution.

1 INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, a prostituição era compreendida como uma profissão que carregava em si as “doenças venéreas”. A imagem da prostituta foi atravessada pela indecência física e moral, endossando a influência do contexto cultural, religioso, histórico e moral nessa concepção (ELIAS *et al.*, 2018; RUFINO, LIMA, 2020. Esse contexto histórico da prostituição é refletido até os dias atuais, tendo em vista que, a profissão sequer é reconhecida no Brasil, mesmo não sendo criminalizada. A Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, apenas reconhece a prática como uma ocupação, através do código 519805 (BRASIL, 2002).

A prostituição, na cidade de Campina Grande-PB, aparece como um problema em meados dos anos 20 e início da década de 30, levando em consideração que, fazia-se necessário a transferência daquelas mulheres de “vestes porcas e imundas” para um local mais afastado do centro da cidade (NASCIMENTO, 2007). Soares *et al.* (2015) apontam que, no tocante ao exercício da profissão é notório uma ambivalência da vivência profissional, pois, ao passo que a profissão fornece uma autonomia e remuneração para as profissionais do sexo, é uma profissão que carrega em si o peso do estigma, que é vivenciado de forma única e subjetiva, acarretando problemas na vida da trabalhadora do sexo.

Compreende-se que a profissão do sexo carrega em si um aspecto negativo no que tange a vivência do bem-estar no contexto da autoestima, visto que, a utilização de termos depreciativos as quais são nomeadas em conjunto com o estigma corroboram para a aplicação de crenças negativas a si mesmas e ao seu trabalho (BENOIT *et al.*, 2018).

A autoestima diz respeito a um conjunto de sentimentos e pensamentos que o indivíduo tem em relação ao seu valor, competência, confiança, adequação e capacidade para enfrentar desafios, repercutindo diretamente em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo (ROSENBERG, 1965). Assim sendo, a autoestima é um componente fundamental para a construção da saúde mental e social do sujeito, dado que é um indicador do ajuste do sujeito dentro da sociedade, pois reflete na relação que é estabelecida, seja ela positiva ou negativa, com as pessoas e com o mundo (ROSENBERG, 1965).

Rosenberg *et al.* (1995) destacam que os aspectos sociais são de extrema importância no que diz respeito à construção da autoestima que o sujeito introjeta em si, visto que, um membro de um grupo estigmatizado realiza uma tentativa de se comparar com as pessoas, principalmente, entre seu próprio grupo, pois evitam ameaças a sua autoestima, essa hipótese é sustentada, partindo do pressuposto de que existem dois tipos de autoestima: a global e a específica, a primeira sendo correlacionada com o bem-estar psicológico e a segunda com o comportamento em si.

Nessa perspectiva, o estudo de Benoit *et al.* (2018) demonstra que a autoestima é um conceito complexo para as trabalhadoras do sexo, podendo ser afetada por múltiplas variáveis subjetivas, por situações vividas diariamente e até mesmo pelo percurso e pelas circunstâncias da vida. Ao compreender os aspectos que dizem respeito à construção da autoestima, Felicíssimo *et al.* (2013) salientam que o estigma internalizado é um componente que influencia a baixa autoestima do sujeito.

Constata-se que as produções científicas que remetem ao construto da autoestima são direcionadas, em sua maior parte, para estudantes universitários, adolescentes, idosos, dentre outros públicos (BANDEIRA, HUTZ, 2010; MEURER *et al.*, 2012; PRETO *et al.*, 2020). Até dado momento, no Brasil, existem poucos estudos que tratem especificadamente dos aspectos da autoestima para as mulheres profissionais do sexo, dentre eles, destaca-se o estudo de Couto *et al.* (2020) que adentra no contexto desse público com a perspectiva das representações sociais que permeiam acerca da autoestima.

Portanto, esse trabalho teve como objetivo analisar as características sociodemográficas e a autoestima de um grupo de trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB, sendo dessa maneira, um estudo pioneiro na cidade de Campina Grande-PB.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e transversal, que adotou uma amostra do tipo intencional e de conveniência. Foi realizado com mulheres trabalhadoras do sexo que atuam na Zona de Prostituição de Campina Grande-PB, isto é, nas imediações da Feira Central e nas mediações da Rodoviária Velha da cidade. Esses locais são frequentados por mulheres que moram em outras localidades, como Recife, João Pessoa, Nazaré da Mata, Natal, dentre outras localidades.

As participantes foram contatadas previamente por intermédio do Centro Informativo de Prevenção Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande-PB (CIPMAC). Inicialmente foram apresentados os objetivos do estudo e, aquelas que concordaram em participar de forma voluntária, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a assinatura do TCLE, os dados foram coletados na própria Zona de Prostituição de Campina Grande-PB.

Para a coleta de dados, que foi realizada no primeiro semestre de 2023, utilizou-se a Escala de Autoestima de Rosenberg adaptada por Sbicigo *et al.* (2010), e um questionário sociodemográfico, contendo 10 perguntas fechadas, pretendendo caracterizar as participantes da pesquisa.

A Escala de Autoestima de Rosenberg - EA (1965) foi aplicada como forma de avaliar o constructo da autoestima. O instrumento de Rosenberg adaptado por Sbicigo *et al.* (2010) é composto por 10 perguntas, que correspondem a conteúdos que remetem a sentimentos positivos em relação a si mesmo e a sentimentos de autodepreciação. Entretanto, diferentemente da metodologia usada por Sbicigo *et al.* (2010), ao invés de utilizar-se de três itens de Likert, sendo eles, “discordo”, “nem concordo, nem discordo” e “concordo”, utilizou-se dos quatro itens de Likert (concordo totalmente = 4, concordo =3, discordo =2, discordo totalmente = 1) propostos por Hutz e Zanon (2011), visto que, na aplicação teste utilizando os três itens, variando entre “discordo”, “nem concordo, nem discordo” e “concordo” as participantes respondiam a resposta “nem concordo, nem discordo” para quase todas as afirmações, na possível tentativa de não responder o que de fato sentiam diante dessas afirmações.

Os itens negativos da escala foram calculados de forma invertida, sendo eles, o EA2, EA3, EA5 e EA6, dado que, é utilizado uma proposta da EAR como uma escala bifatorial. O escore da Escala pode variar entre 10 e 40, o cálculo é efetuado através da pontuação entre as respostas dadas às 10 afirmações. De acordo com Simonetti (1989) uma autoestima satisfatória é definida com um escore maior ou igual a 30 na Escala de Autoestima de Rosenberg e é insatisfatória quando o escore é menos que 30.

Os dados coletados através do questionário sociodemográfico, da Escala de Autoestima de Rosenberg, foram transcritos e analisados no *software* R versão 3.5.2. A presente pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e foi aprovada através do número 5.847.777/2023, garantindo às participantes da pesquisa o sigilo e o condicionamento ético dos pesquisadores proposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Salienta-se que essa pesquisa foi realizada com apoio do PIBIC/CNPq-UEPB, através da cota 2022/2023.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

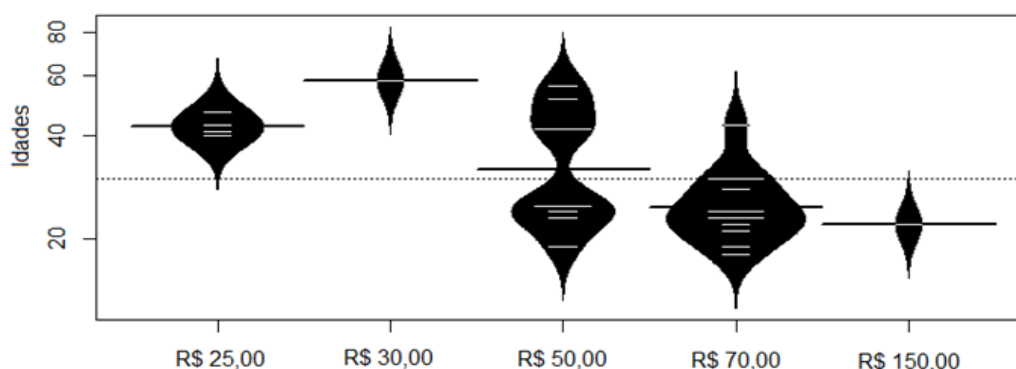
A amostra dessa pesquisa foi composta por 27 mulheres trabalhadoras do sexo, que trabalhavam na Zona de Prostituição de Campina Grande, no estado da Paraíba, essa Zona é constituída tanto pela Feira Central quanto pela Rodoviária Velha da cidade. As idades das participantes variaram entre 18 e 58 anos ($M_{idade} = 31,9$; $DP = 12,1$), em sua maioria se identificaram como pardas (59,3%), seguidamente de brancas (18,5%) e pretas (18,5%) e, em sua maioria são solteiras (70,4%), heterossexuais (81,5%) seguidas de bissexuais (11,4%). As

participantes se declaram como católicas (51,9%) ou não possuem uma religião (33,3%). E o número de filhos variou entre 0 até 7 filhos.

Notou-se que cerca de 74,1% dessas mulheres possuem uma renda pessoal de até 1 salário-mínimo, o que pode estar relacionado à escolaridade, pois, apenas 14,8 % chegaram a concluir o ensino médio, onde em sua maioria, isto é 48,1%, possuem o ensino fundamental incompleto. Em relação ao tempo de ofício variaram entre 1 semana e 40 anos ($M_{\text{trabalho}} = 9,8$; $DP = 10,1$).

É possível compreender que, dentro da amostra de mulheres profissionais, a idade demonstrou ser um fator importante no que diz respeito ao estabelecimento do preço do programa, dado que, assim como pode ser visualizado na Figura 1, quanto mais jovem, isto é, entre 18 anos e 30 anos, mais alto é o preço do programa. Observa-se também, que no que tange as profissionais do sexo acima de 40 anos, o preço do programa fica em torno de R\$ 25,00.

Figura 1 – Preço do programa *versus* idade



Fonte: Autores, 2023.

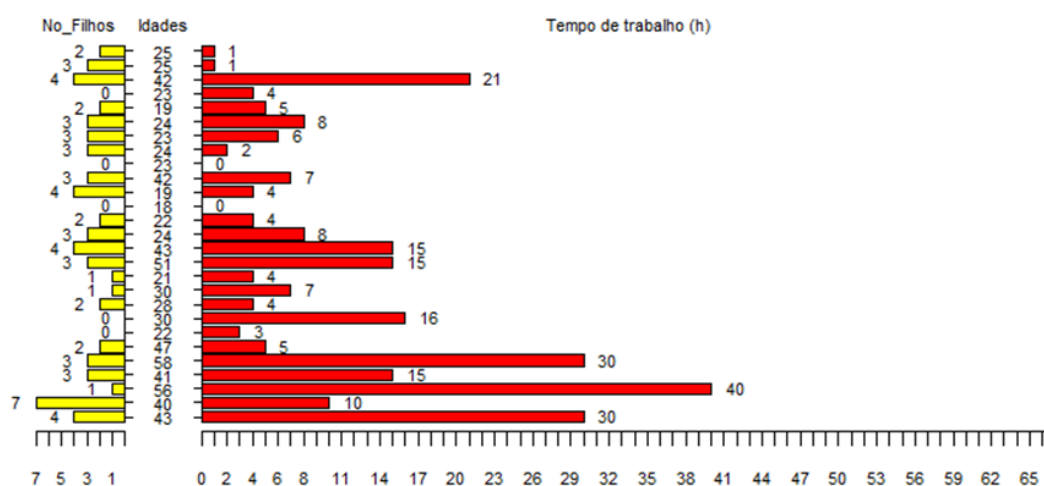
Portanto, no que diz respeito ao contexto da longevidade, a figura da prostituta adere a uma representação de interseccionalidade da invisibilidade, afinal, é praticamente impossível, dentro do imaginário social, uma mulher idosa ser prostituta e ativa, e isso, pode se configurar como uma justificativa do programa ser mais barato as mulheres mais velhas. Corroborar com essa hipótese as participantes do estudo de Leal *et al.* (2019) que, por se caracterizarem como uma população jovem, demonstraram uma procura maior para realização dos programas, visto que, de acordo com os autores, a juventude e a beleza nesse período da vida potencializam essa procura.

Salienta-se, de acordo com os achados de Burbulhan *et al.* (2012), que a entrada no comércio da prostituição é dada de uma forma diferente para cada mulher, entretanto, a maior parte dessas profissionais iniciam no ramo para garantir o sustento, onde, em sua maioria,

questões familiares aparecem como demanda. Ressalta-se que, com o tempo, a permanência nesse mercado de trabalho acaba sendo justificada pela possibilidade de obter uma renda a mais para se sustentar e sustentar a casa.

Faz-se imprescindível analisar, dentro desse contexto do tempo destinado ao trabalho, questões relacionadas a outras variáveis, como o número de filhos, visto que, ao analisar os achados de Leal *et al.* (2019) é perceptível que o fator família dentro da realidade das profissionais do sexo é um elemento fundamental para a compressão da dinâmica de qualidade de vida dessas profissionais. Essas variáveis podem ser observadas na Figura 3, os valores atribuídos ao tempo de trabalho são apresentados por um destaque na cor vermelha, em linha paralela ao número de filhos dessas profissionais.

Figura 2 – Relação número de filhos, idade e tempo de trabalho (anos)



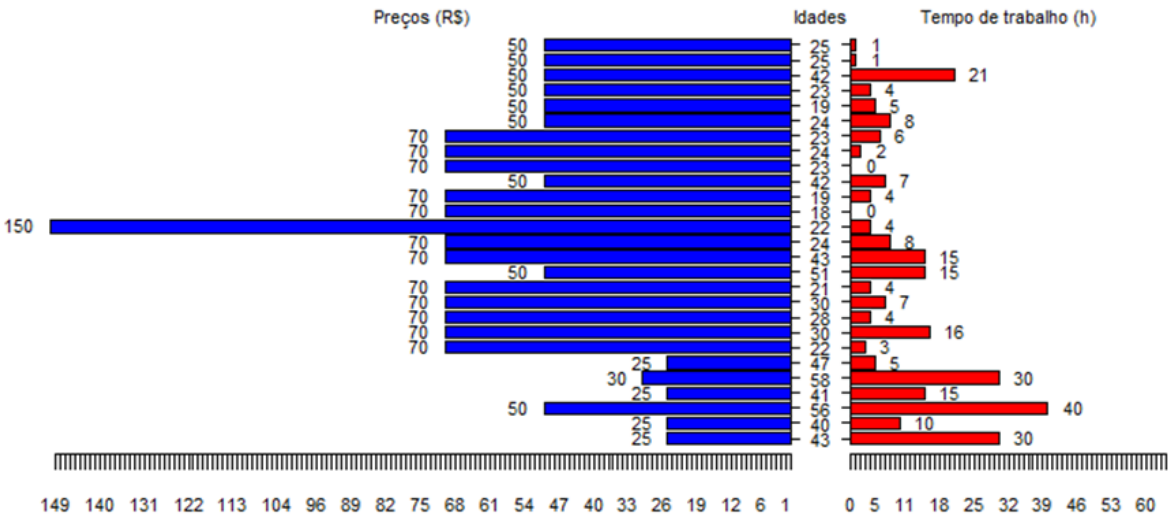
Fonte: Autores, 2023.

Nota-se que dentre as participantes dessa pesquisa, 66,7% dessas mulheres são profissionais do sexo há menos de 10 anos. No tocante a quantidade de filhos, variaram entre 0 até 7 filhos, entretanto, 51,8% das profissionais do sexo têm 3 filhos ou mais, enquanto, 48,2% têm até 2 filhos ou não possuem filhos. De acordo com Santos (2011) o exercício do meretrício é visto pelas profissionais do sexo como algo dissociado da maternidade, pois, a forma como a sociedade idealiza a mulher prostituta atinge diretamente na forma que essas profissionais se posicionam diante desse fenômeno familiar, os relatos de sua pesquisa demonstram a dificuldade dessas profissionais em administrar os dois papéis, ser mãe e ser prostituta e, para além disso, ser mulher.

Explorando mais a questão do preço do programa, é possível verificar por meio da Figura 3, uma comparação entre a idade dessas mulheres, o tempo de trabalho dentro do mercado da prostituição e os preços estabelecidos pelo programa das profissionais do sexo. Os

valores atribuídos ao tempo de trabalho são apresentados por um destaque na cor vermelha, em linha paralela ao preço estabelecido em relação ao programa dessas profissionais.

Figura 3 –Relação entre preço do programa, idade e tempo de trabalho (anos)



Fonte: Autores, 2023.

Nota-se que apenas uma participante consegue obter o valor de R\$150,00 pelo programa, observa-se ainda, que sua entrada no mercado de trabalho é também recente, visto que trabalha há 4 anos, ao ser comparado com a realidade de outras participantes, que já trabalham há mais de 10 anos. É possível compreender que as participantes que ingressaram no mercado por 10 anos ou mais, conseguem ter uma média de R\$43,88 por programa, valor este se aproxima do valor médio das profissionais do sexo que trabalham há menos de 10 anos neste mercado, sendo este de R\$65,27. Ademais, é importante salientar que a o tempo de profissão teve alta dispersão entre as participantes, variando de 1 semana e, chegando até 40 anos dentro do ramo do sexo.

Outrossim, é perceptível que quanto mais tempo no mercado de trabalho, menos a trabalhadora do sexo recebe por seu programa, entretanto, ressalta-se que essa realidade pode ser apenas um reflexo da amostra dessa pesquisa. Além disso, outros aspectos como o local de trabalho dessas profissionais, na cidade de Campina Grande, podem ter um impacto efetivo no valor atribuído ao programa, pois a prostituição no interior da Feira Central demonstra um quadro de pauperização, sendo o comércio sexual a principal fonte de renda para inúmeras dessas profissionais. Enquanto isso, os bordéis localizados nas imediações da Feira Central demonstram estruturas mais confortáveis, sendo mais higienizados e tem maior segurança (SILVA *et al.* 2010).

Passando agora para o objetivo principal deste trabalho, entende-se que o construto da autoestima pode ser compreendido por diferentes perspectivas, esse estudo se baseia a partir da concepção de Rosenberg (1965), que divide os graus da autoestima em baixa, média e alta. Na concepção desse autor, a baixa autoestima está relacionada às dificuldades e incapacidades que o sujeito tem ao solucionar um problema, a média autoestima está relacionada a alternância entre o sentimento de auto aprovação e auto rejeição. Por fim, a alta autoestima diz respeito ao autojulgamento que o indivíduo faz de si próprio, tornando viável a valorização e o sentimento de competência e autoconfiança. Os itens que formam a Escala de Autoestima de Rosenberg (EA) podem ser observados no quadro 1:

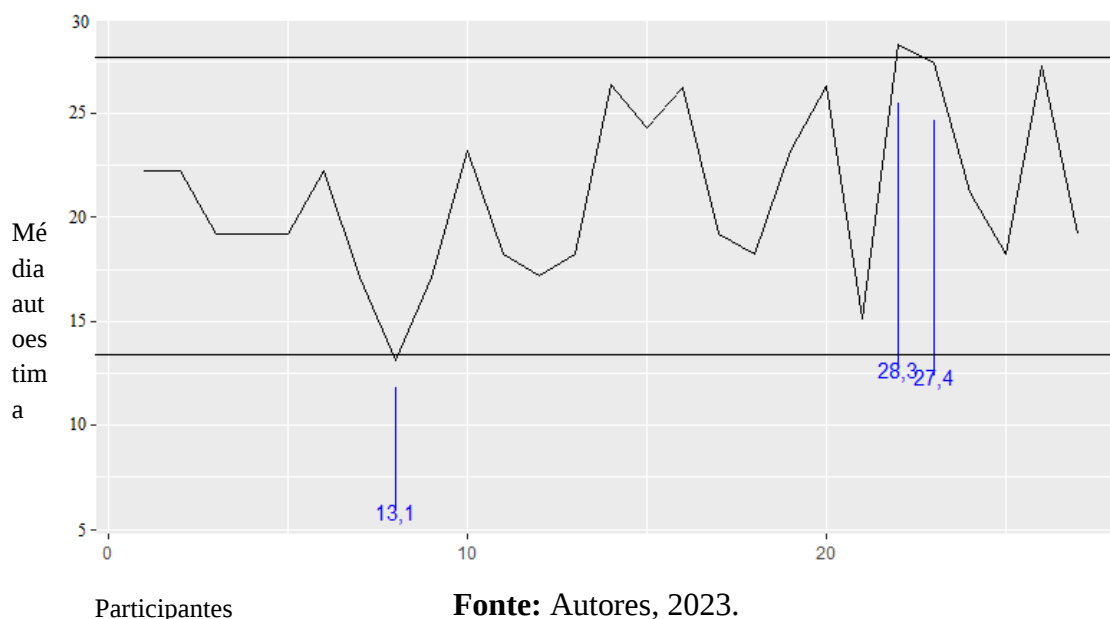
Quadro 1 – Itens da Escala de Autoestima de Rosenberg

Itens de Avaliação	
1	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.
2	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.
3	Às vezes, eu penso que não presto para nada.
4	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.
5	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.
6	Às vezes, eu me sinto inútil.
7	Eu acho que tenho muitas boas qualidades.
8	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.
9	De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo.
10	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.

(Sbicigo *et al.*, 2010).

Na análise descritiva da EAR, verificou-se que a média dos escores das participantes foi de 21,06 (DP=4,07), ressalta-se que, de acordo com Sbicigo *et al.* (2010), quanto maior o escore obtido na escala, maior o nível de autoestima do sujeito. O escore obtido no final da aplicação da EAR demonstra uma autoestima insatisfatória diante da vivência dessas mulheres, dado que, de acordo como Simonetti (1989) uma autoestima abaixo de 30 demonstra ser baixa ou insatisfatória. Evidencia-se também que a amostra dessa pesquisa é apenas um retrato de um universo que pode e deve ser mais investigado dentro da literatura científica. Observa-se, portanto, na Figura 4, os dados obtidos acerca da autoestima das mulheres profissionais do sexo, que participaram dessa pesquisa.

Figura 4 – Análise dos níveis de autoestima das trabalhadoras do sexo



Fonte: Autores, 2023.

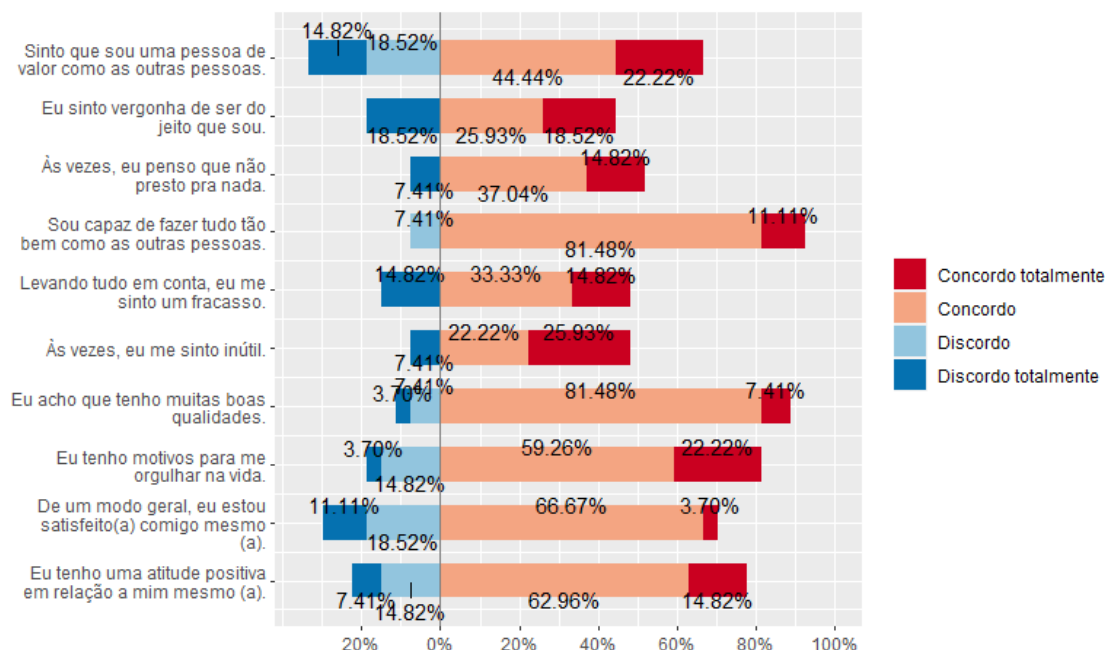
É perceptível que o maior nível obtido acerca do constructo da autoestima foi o de 28,3, sobressaindo a média geral das participantes (21,6), entretanto, por outro lado também é possível de analisar que o menor nível de autoestima foi o de 13,1, este sendo um valor único diante do público. Além disso, nota-se que o valor que mais aparece é o de 19,2, seguido de 18,2, correspondendo sucessivamente a 18,5% e 14,8% das participantes.

Ao analisar os resultados percentuais por itens da EAR, podendo ser consultados na Figura 5, observa-se que o item 1: “Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas”, que obtém 66,7% de concordância. A construção do valor diante dessas mulheres é também vivenciada pela lógica mercadológica, dado que, a trabalhadora do sexo também é configurada como um produto diante do restante da sociedade, saber do seu valor transcende qualquer configuração capitalista. De acordo com Russo (2007), a prostituição pode ser pensada enquanto um reflexo do capitalismo, pois, até mesmo valores considerados socialmente positivos, importantes e sagrados, são mercantilizados e envolvidos pela lógica do dinheiro, ao passo que, nesse contexto, a trabalhadora do sexo transcende pois está envolvida em uma série de emoções e sentimentos que permeiam as relações humanas.

O item que mais obtém discordância é o item 2: “Sinto vergonha de ser do jeito que sou”, obtendo 55,6% de discordância podendo, inclusive, contradizer alguns achados da literatura, sobre a trabalhadora do sexo ser uma profissional carregada pela vergonha e pelo estigma. De acordo com Clarindo e Arenari (2022) é preciso atentar-se que o receio dessas mulheres em relação ao nomear-se enquanto trabalhadora do sexo perante a dimensão social, dado que, pode existir a vergonha em exercer essa ocupação. Isso, por vezes, estará conectado com a redução da subjetividade diante da prática sexual considerada dissidente, gerando, assim,

culpabilização diante das práticas violentas pelas quais a elas são dirigidas. Portanto, é reduzir o sofrimento dessas mulheres como algo que acontece devido a elas escolherem determinado caminho, como se fossem dados as devidas oportunidades e o direito a escolher sempre o trabalho que exercem.

Figura 5– Percentuais dos itens da Escala de Autoestima de Rosenberg



Fonte: Autores, 2023.

Observa-se que o item 3: “Às vezes, eu penso que não presto para nada” (51,8% de concordância) e o item 6: “Às vezes eu me sinto inútil” (48,1% de concordância) refletem na atitude de pensar que não serve para nada e isso, dentro do contexto da trabalhadora do sexo, pode estar associada tanto a lógica de valor atribuída pelo mercado capitalista a essas mulheres, quanto a outros problemas que advém da conjuntura social, como a necessidade de aceitação social, dado que, de acordo com Araújo *et al.* (2015), a problemática que entorna a aceitação social diante da prostituição enquanto uma prática profissional é o instrumento utilizado para o trabalho. Isto é, o sexo, moralmente falando, é uma ferramenta praticamente inaceitável para uma mulher trabalhar.

Nascimento (2007) afirma que a dicotomia feminina construída ao longo do tempo na sociedade, com o intuito de segregar e tipificar a vivência feminina, também faz parte desse conceito, isto é, se faz necessário separar a “mulher de casa” e a “puta”, tendo em vista o controle e disciplina dos corpos. Por isso, a primeira deve se dedicar ao lar e aos filhos, na medida em que a segunda deve ter como princípio a não-valorização, deve ter vergonha do que

faz e, para além de tudo, deve ser responsável, unicamente, por dar prazer a figura masculina (ARAÚJO *et al.*, 2015).

É interessante analisar que a construção da utilidade da trabalhadora do sexo é destinada a essa manutenção de prazer masculino. Durante o século XX, a prostituta se tornou indispensável, dado que o adultério masculino era entendido como necessário ao bom funcionamento do estado e da família, isso faz com que existam dois submundos diante da “boa sociedade”, o mundo do prazer e o da instituição, coexistindo com a função da manutenção das famílias tradicionais no Brasil (DEL PRIORE, 2012). Haja visto essa construção social, observa-se que as trabalhadoras do sexo carregam em si, essa função de coexistir com a utilidade que a sociedade moralista destina a elas até os dias atuais.

Observa-se, portanto, que, quanto às vivências das trabalhadoras do sexo altos níveis de estigmas impostos diante do social, principalmente, ao comparar o estigma direcionado a esse público com outras populações marginalizadas (BENOIT *et al.*, 2018). Logo, de acordo com Soares *et al.* (2015), faz-se imprescindível a possibilidade de uma escuta, respeitando a voz ativa dessas mulheres, tendo em vista que, majoritariamente, as profissionais do sexo são oriundas de uma classe social desfavorecida, ou seja, são mulheres da periferia, com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo.

Observa-se, ainda assim, que o item 4: “Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas”, correspondendo a uma concordância de 92,6%, pode estar direcionado também a outras perspectivas para além da vida profissional da trabalhadora do sexo, visto que, exercer o papel de trabalhadora do sexo no Brasil é uma realidade atravessada por muitas vivências e dificuldades. Dentre essas dificuldades, pode-se citar o próprio contexto de trabalho ou até mesmo a qualidade de vida no geral, portanto, essa ideia de comparar-se com as outras pessoas e dar conta de muitas questões e ainda fazer tudo tão bem como as outras pessoas pode ser um reflexo dos inúmeros papéis, por vezes irreconhecíveis, que essas mulheres exercem na sociedade.

Nesse sentido, compreende-se que a alta demanda social acerca da maternidade, do trabalho e do exercício de ser mulher refletem em estratégias de enfrentamento das trabalhadoras do sexo para lidar com a pressão social, onde a utilização do álcool e de outras drogas pode ser uma possível estratégia para evitar entrar em contato com a realidade. O estudo de Aquino *et al.* (2016) aponta que distrair-se está ligado ao consumo de álcool no contexto da trabalhadora do sexo, para além disso, as atividades de lazer, como festas e idas às praias também se mostram favoráveis ao incentivo do álcool na vida dessas mulheres, os autores ressaltam que o sono é um dos fatores afetados, além de relatos acerca de tentativas de suicídio.

Um estudo realizado em Porto - Portugal por Teixeira (2011) afirma que, mais de 50% das entrevistadas relatam que conhecem alguém de sua rede que em algum momento tentou suicídio, dentro do contexto familiar dessas mulheres, observa-se que 25% das respondentes têm algum familiar que já tentou o suicídio. De acordo com Teixeira (2011) fatores familiares, dentro do contexto de comportamentos suicidas, é um dos geradores mais significativos para 65,2% das mulheres entrevistadas, sendo estes, ligados a conflitos familiares e filhos.

Faz-se, portanto, uma ressalva importante no item 5: “Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso”, que tem uma discordância de 51,8%, ao mesmo tempo que tem uma concordância de 48,1%. Analisar de fato, a sensação de sentir um fracasso e de onde esse lugar é construído é importante no contexto da trabalhadora do sexo, dado que, algumas variáveis podem estar ligadas a essa sensação, como, a necessidade de corresponder a demanda social (ARAÚJO *et al.*, 2015), a sensação de que não conquistou algo de fato importante na vida, além disso, até mesmo, a autocoerção excessiva de conquistar coisas que não estão no seu controle.

Achados de Benoit *et al.* (2018) afirmam que o estigma dentro do contexto das trabalhadoras sexuais aparece como um ponto importante a ser analisado no contexto da autoestima, indo além da introjeção daquilo que é percebido através do externo, os autores afirmam que as trabalhadoras do sexo que mencionaram autenticidade negativa pontuaram mais na percepção do estigma do que aquelas que não o mencionaram. A autenticidade seria, portanto, um reflexo de si mesmo, envolvendo assim, comportamentos que estão relacionados com o autoconhecimento e que refletem na orientação que se tem para o outro (GOUVEIA, 2016). No que diz respeito ao item 7: “Eu acho que tenho muitas boas qualidades” e ao item 8: “Eu tenho motivos para me orgulhar da vida”, podem se encaixar nesse contexto de autenticidade. O item 7 tem como resultado 88,9% de concordância, enquanto o item 8 tem 81,5% de concordância.

Ressalta-se, dessa maneira, que mesmo diante do estigma direcionado às profissionais do sexo, é preciso compreender que o contexto de existência dessas mulheres está para além disso, são acima de tudo, mulheres que exercem uma profissão, que perante o restante da sociedade é marginalizada. Portanto, é preciso entender que mesmo que a vergonha diante da profissão seja algo que possa existir (CLARINDO, ARENARI, 2022), é preciso atentar-se para a vida dessas mulheres para além do trabalho, ou seja, analisar as conquistas pessoais, as relações sociais, o contexto de vida e até mesmo a inserção da família na vida dessas mulheres, dado que, os itens 7 e 8 podem estar relacionados também a esses aspectos.

É passível de observar que o item 9: “De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo”, apresenta uma concordância de 70,4%, sendo, contraditório com o que é observado na sensação de sentir-se um fracasso. Portanto, esse fracasso pode estar relacionado com as expectativas sociais, familiares, profissionais ou até as necessidades terceirizadas de outras pessoas e que são direcionadas a essas trabalhadoras do sexo.

Ressalta-se que, a autoestima é um dos fatores que pode estar em consonância ao ambiente da pessoa que ali existe, sendo, um fator que pode estar relacionado ao desenvolvimento de possíveis transtornos mentais. Nesse sentido, o estudo de Ouma *et al.* (2021) afirma que o Transtorno Depressivo Maior se apresenta na vivência da trabalhadora do sexo sendo influenciado por algumas variáveis sociais, que estão entrelaçadas e relacionadas com o trabalho sexual em si, como por exemplo, a presença de estressores psicossociais, viver com HIV, abuso verbal de clientes e a idade avançada.

Além disso, observa-se através do estudo de Vidal *et al.* (2014) que a ocorrência de prováveis Transtornos Mentais Comuns (TMC) foi maior nas mulheres profissionais do sexo com baixa escolaridade, nas mulheres que sofreram violência física e naquelas que ingressaram mais cedo na profissão, indicando que o fator sociodemográfico atrelado ao contexto de saúde mental, na vida dessas mulheres é de extrema importância. Para além disso, Villar (2020) afirma que o estigma direcionado a essas mulheres trabalhadoras do sexo é um elemento potencial para a cronificar o Transtorno Depressivo Maior, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático ou até mesmo os transtornos que são relacionados ao abuso de substâncias. Além disso, a autora salienta que o estigma se configura na repercussão da solidão e na autoimagem do desempoderamento, sendo atravessado pela culpa e pela concepção de que é merecido sofrer de tal maneira.

Observa-se que o item 10: “Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo”, apresenta uma concordância de 77,8%. Dentro dessa lógica, Barbosa *et al.* (2019) concluíram, em seus estudos, que a vivência da trabalhadora do sexo em relação ao autocuidado está, por vezes, centrada apenas no autocuidado da saúde sexual e reprodutiva. Entretanto, é preciso estar para além disso, dado que reduzir a perspectiva do autocuidado apenas a essa esfera, é reduzir consequentemente, as possibilidades de enxergar a saúde da mulher de maneira integral.

É perceptível diante do exposto que o construto da autoestima é interligado com questões que estão para além do sujeito, isto é, nota-se que há um alinhamento da autoestima com alguns aspectos de ordem social, incluindo, o estigma por trabalhar dentro do contexto da prostituição, o contexto familiar acobertado pela vergonha, a idade e o envelhecimento como

algo simbólico da subjetividade nesse contexto e, também, os próprios aspectos sociodemográficos traçados pelo contexto único dessas mulheres.

Para além disso, ressalta-se que o contexto sócio-histórico-cultural desenvolve um aspecto importante na constituição da vida dessas mulheres, principalmente, pelos marcadores que estão além do contexto do trabalho, como é o caso da perspectiva de gênero ou de ser mulher. Ressalta-se que a necessidade de se enquadrar e ser aceita diante do social também aparecem como resquícios dessa formação sócio-histórica-cultural.

5 CONCLUSÃO

Esse estudo possibilitou analisar de forma descritiva o construto da autoestima, sendo possível inferir que a autoestima das trabalhadoras do sexo pode estar associada com alguns aspectos, como o estigma social diante da profissão. Além disso, foi possível inferir que a vivência de outras questões que permeiam a vida dessas mulheres, como, a maternidade, a família, a idade, dentre outros aspectos sociodemográficos, são constituintes no que tange a conceitualização da autoestima. É possível inferir também que, questões sociais, que adentram na relação de gênero, também podem atingir essa idealização da autoestima para essas profissionais. Ademais, percebeu-se que apesar de apresentarem alta concordância nos itens que fazem uma avaliação positiva da autoestima, a média da autoestima dessas mulheres ($M = 21,06$; $DP=4,07$) demonstra ser baixa.

É importante salientar algumas limitações deste estudo. Dentre elas, destaca-se que, até a construção desta pesquisa, nenhum estudo no Brasil realizou a aplicação dessa escala para o público das profissionais do sexo, então, é possível questionar a sua validade para as participantes em questão. Além disso, nem sempre as participantes da pesquisa se dispunham a responder diretamente os instrumentos de pesquisa ou não tinham um grau de instrução de leitura suficiente para compreendê-los, fazendo com que os instrumentos fossem lidos individualmente, o que pode ter impactado nas respostas fornecidas. Além disso, observa-se que devido a essa pesquisa ser realizada nos locais onde era exercida a prostituição, nem sempre as participantes prestavam atenção de fato ao que estava sendo perguntado ou, por vezes, enviesavam a resposta de forma a corresponder às expectativas das pessoas que por ali passavam.

Salienta-se também que a natureza não-aleatória da escolha do público também reduz os índices de generalização. Sugere-se, a realização de novos estudos que aprofundem cada vez mais a vivência desse público, principalmente, estudos que analisem de forma mais profunda a relação da autoestima com aspectos sociodemográficos. Outra ressalva é em relação a escolha do instrumento utilizado, pois é preciso que outros estudos se aprofundem de maneira mais

precisa no que tange a vivência da autoestima para essas mulheres, possibilitando até mesmo na própria validação desse instrumento para esse público.

REFERÊNCIAS

AQUINO, P. S.; NICOLAU, A. I. O.; PINHEIRO, A. K. B. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o Modelo de Enfermagem de Roper, Logan e Tierney. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n.1, p. 136-144, 2011.

ARAÚJO, L. B.; BANDEIRA, M. C. L.; SILVA, T. L. C. V. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. **PEGADA- A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 364-377, 2015.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BENOIT, C.; SMITH, M.; JANSSON, M.; MAGNUS, S.; FLAGG, J.; MAURICE, R. Sex work and three dimensions of self-esteem: Self-worth, authenticity and self- efficacy. **Culture, health & sexuality**, Londres v. 20, n. 1, p. 69-83, 2018.

BRASIL, Ministério do Trabalho. **Classificação de Ocupação Brasileira**. 2002. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 4, p. 669-677, 2012.

CLARINDO, A. O.; ARENARI, R. W. Máquinas de guerra e precariedade: saúde mental de prostitutas em meio à pandemia do Novo Coronavírus. **Mnemosine**, v. 18, n. 1, p. 119-137, 2022.

COUTO, P. L. S.; GOMES, A. M. T.; PORCINO, C.; RODRIGUES, V. V.; VILELA, A. B. V.; FLORES, T. S.; SUTO, C. S.S.; PAIVA, M. S. Entre dinheiro, autoestima e ato sexual: Representações sociais da satisfação sexual para trabalhadoras sexuais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 22, n.1, p.1-8, 2020.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. Planeta, 2012.

ELIAS, A. R. R.; JUNQUEIRA, M. A. B.; NORONHA, I. C.; PEREIRA, J.; GIULIANI, C. D.; FERREIRA, M. C. M. Vulnerabilidades e marginalização no mundo do trabalho e prostituição. **Cad Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 301-31, 2018.

FELICISSIMO, F.; FERREIRA, G. C. L.; SOARES, R. G.; SILVEIRA, P. S.; RONZANI, T. M. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 116-129 2013.

GOUVEIA, T. L. C. **O papel da autenticidade na vinculação e na prestação de cuidados nas relações românticas adultas**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, 2016.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-49, 2011.

LEAL, C. B. M; PORTO, A. O.; RIBEIRO, M. S.; OLIVEIRA, K. N.; SOUZA, D. A.; RIOS, M. A. Aspectos associados a qualidade de vida das profissionais do sexo. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 13, n. 3, p. 560-569, 2019.

MEURER, S. T.; LUFT, C. B.; BENEDETTI, T. R.; MAZO, G. Z. Validade de construto e consistência interna da escala de autoestima de Rosenberg para uma população de idosos brasileiros praticantes de atividades físicas. **Motoridade**, Vila Real, v. 8, n. 4, p. 5-15, 2012.

NASCIMENTO, U. A. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

OUMA, S.; TUMWESIGYE, N. M.; NDEJJO, R.; ABBO, C. Prevalence and factors associated with major depression among female sex workers in post-conflict Gulu district: a cross-sectional study. **BMC public health**, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2021.

PRETO, V. A.; FERNANDES, J. M.; SILVA, L. P.; REIS, J. O. L.; SOUSA, B. O. P.; PEREIRA, S. S.; SAILER, G. C.; CARDOSO, L. Transtornos Mentais Comuns, Estresse e Autoestima em universitários da área da saúde do último ano. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. e844986362-e844986362, 2020.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self image**. 1ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1965.

ROSENBERG, M.; SCHOOLER, C.; SCHOENBACH, C.; ROSENBERG, F. Global self-esteem and specific self-esteem: Different concepts, different outcomes. **American sociological review**, Chicago, p. 141-156, 1995.

RUFINO, M. M.; LIMA, H. L. B. P. A (IN) visibilidade da luta das prostitutas pelo reconhecimento do direito fundamental ao trabalho. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 43613-43628, 2020.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007.

SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza-CE**. 2011. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

SIMONETTI, V. M. M. **Revisão crítica de algumas escalas psicossociais utilizadas no Brasil**. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1989.

SOARES, J. F. S.; SANTOS, L. C.; CARDOSO, J. P.; NEVES, L.; BATISTA, E. C. A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. **Rev. Saberes**, Rolim de Moura, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2015.

TEIXEIRA, J. A. C. **Ideação suicida em prostitutas de rua**. 2011. Dissertação (Mestrado em Medicina Legal) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

VIDAL, C. E. L.; AMARA, B.; FERREIRA, D. P.; DIAS, I. M. F.; VILELA, L. A.; FRANCO, L. R. Preditores de prováveis transtornos mentais comuns (TMC) em prostitutas utilizando o Self-Reporting Questionnaire. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 3, p. 205-212, 2014.

VILLAR, C. El impacto psicológico del estigma de prostituta. **Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, v. 4, n. 08, p. 152–172, 2020.